



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANA BEATRIZ DA SILVA RODRIGUES

**CAMINHOS QUE PERPASSAM A ESCOLHA PROFISSIONAL,
UM OLHAR EDUCATIVO**

BRASÍLIA
2021

ANA BEATRIZ DA SILVA RODRIGUES

**CAMINHOS QUE PERPASSAM A ESCOLHA PROFISSIONAL,
UM OLHAR EDUCATIVO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação como exigência final para obtenção do título de Pedagoga.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Lima Martins Pederiva

Monitora: Ellen Elizabeth da Silva Dantas

BRASÍLIA
2021

TERMO DE APROVAÇÃO

Ana Beatriz da Silva Rodrigues

CAMINHOS QUE PERPASSAM A ESCOLHA PROFISSIONAL, UM OLHAR EDUCATIVO

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do grau de Pedagoga. Apresentação ocorrida em 5 de novembro de 2021. Aprovada pela seguinte banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Patrícia Lima Martins Pederiva – Presidente/Orientadora
Departamento de Métodos e Técnicas (FE/UnB)

Paula Karine Bolzan Freitas – Examinadora
Universidade Católica de Brasília (UCB)

Prof. Alex Canuto de Melo – Examinador
Temporário – Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF)

Prof.^a Mestra Daiane Aparecida Araújo de Oliveira – Suplente
Colégio CIMAN

FICHA CATALOGRÁFICA

RODRIGUES, Ana Beatriz da Silva

Caminhos que perpassam a escolha profissional, um olhar educativo / Ana Beatriz da Silva Rodrigues;

Orientadora Patrícia Lima Martins Pederiva. - Brasília, 2021. 40 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) – Universidade de Brasília, 2021.

1. Educação. 2. Escolha Profissional. 3. Decisões.

I. Lima Martins Pederiva, Patrícia.

O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.

Cora Coralina

AGRADECIMENTOS

O Sentimento de gratidão é permanente.

Sou imensamente grata aos meus pais, Lucia e José Carlos, por toda a dedicação, presença e amor. Por nunca me deixarem perder a fé e a esperança, por me apoiarem e respeitarem as minhas escolhas, vocês são parte essencial.

Ao meu companheiro e melhor amigo, Allan, que esteve ao meu lado durante todas as dificuldades que enfrentei durante esse processo, sou eternamente grata pela cumplicidade, por todo o amor, incentivo e apoio incondicional, você é acalento.

A todas minhas amigas que direta ou indiretamente fizeram parte dessa trajetória e contribuíram de alguma forma para que esse trabalho se concretizasse, seja pelo incentivo, pelo acolhimento, encontros, risos ou momentos de leveza compartilhados, o meu agradecimento por estarem ao meu lado.

À minha orientadora, Patrícia Pederiva, agradeço imensamente pela paciência e cuidado, por compartilhar sua sabedoria, seu tempo e sua experiência. Agradeço por sua confiança e incansável dedicação.

Agradeço a mim, porque mesmo diante de tantas barreiras não desisti. Encontro-me e desencontro o tempo todo e, em inúmeros momentos durante esse processo, pensei que havia me perdido de mim. Queria agradecer a todos que me apoiam, incentivam e acreditam em mim. A força vem na coragem de acolher.

E aqui deixo uma nota para não esquecer, tudo bem se eu não conseguir resolver tudo de uma vez, em um único dia, em uma única semana. É bom encarar a vida com um passo de cada vez, um respiro, um momento. Sinta-se orgulhosa de todas as vezes que você lidou com batalhas silenciosas, superou os problemas e deu uma tapinha em suas próprias costas e pensou *viu, passou*, mas também lembre que está tudo certo em pedir ajuda. Seja paciente enquanto as coisas se ajeitam, não tenha pressa, tudo tem o seu tempo.

RESUMO

Este trabalho se propõe a discutir, a partir de um pequeno recorte, sobre os processos que permeiam a escolha profissional e visa investigar qual a contribuição que a educação pode desenvolver nesse aspecto. Para isso, é realizado um diálogo com diversos autores, entre eles, Pierre Bourdieu e Paulo Freire. O trabalho está organizado em três partes: “A linha que perpassa as decisões”, “O papel educativo diante das escolhas profissionais” e “Caminhos que agregam”. Para elucidar as questões e reflexões elencadas, na pesquisa de campo foi realizada uma entrevista com seis pessoas que dialogaram com o que foi abordado ao longo do trabalho, deste modo, analisa-se as influências por trás da decisão profissional e a possível contribuição que o espaço educacional tem diante dessa decisão.

Palavras-chaves: Educação. Escolha Profissional. Decisões.

ABSTRACT

This work proposes to discuss, from a small perspective, about the processes that permeate the professional choice and aims to investigate what contribution the education can develop in this aspect. To this, a dialogue is carried out with several authors, including Pierre Bourdieu and Paulo Freire. The work is organized in three parts: “The line that runs through decisions”, “The educational role in the face of professional choices” and “Paths that add”. To elucidate the issues and reflections listed, in the research an interview was conducted with six people who spoke with what was addressed throughout the work, this way, do the analysis of the influences behind the professional decision and the possible contribution that the educational space has to this decision.

Key-words: Education. Professional choice. Decisions.

SUMÁRIO

MEMORIAL	10
INTRODUÇÃO	12
1. A LINHA QUE PERPASSA AS DECISÕES	15
1.1 As interações sociais e sua ação dentro do que nós somos	15
1.2 Ser ou não ser?.....	16
1.3 O que somos e quem vamos ser, a escola e o seu papel diante das oportunidades.....	18
2. O PAPEL EDUCATIVO DIANTE DA ESCOLHA PROFISSIONAL	22
2.1 Educação para a transformação	23
3. CAMINHOS QUE AGREGAM	28
3.1 A escolha da profissão e as influências ao redor	29
3.2 Um olhar educativo	32
CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS	39

MEMORIAL

Meu nome é Ana Beatriz, 27 anos, nascida e criada no Distrito Federal, mais especificamente em Taguatinga, local onde passei boa parte da minha vida. Filha de mãe nordestina e pai candango, exemplos de perseverança e dedicação, os dois são meus exemplos e tenho muito orgulho deles. Este memorial tem o intuito de falar brevemente sobre minha trajetória em relação à minha formação até o momento de ingresso no ensino superior, com foco na decisão e identificação em um curso/profissão, questões que me levaram ao tema desse trabalho de conclusão.

Tive uma infância encantadora, de brincadeiras de rua, de tardes e tardes de leitura, de viagens com a família, momentos que ajudaram a constituir quem eu sou. Dentre as idades mais significativas, atribuo destaque para a minha infância e início da adolescência. Lembro-me das minhas viagens para a casa da minha avó no Piauí, quase todo o fim de ano, momento de encontrar a família e os primos, sempre que ia para lá era uma festa! Inventávamos brincadeiras, dançávamos, íamos à praia; essa fase me marcou muito e deixa boas lembranças.

Em relação às minhas experiências escolares, lembro-me do conjunto do que foi vivido em cada época, jardim de infância, ensino fundamental e ensino médio. Cada etapa com suas particularidades. Durante esse período, tive a oportunidade de constituir amigas que carrego até hoje comigo. Foi um período de muitos aprendizados e também de entender um pouco mais sobre a minha personalidade de sempre estar em busca de algo em que eu consiga me encaixar, seja em atividades, projetos, círculos de amigas e a partir daí, já comecei a pensar sobre a minha profissão.

Durante o ensino médio fui amadurecendo meu pensamento sobre o que me faria feliz profissionalmente, minhas escolhas sempre foram determinadas pelos meus gostos pessoais e, nesse período, comecei a pesquisar sobre as carreiras, cursos e possibilidades. O que sempre me atraiu foram cursos mais voltados para trabalhar diretamente com pessoas e partindo desse pensamento, cheguei em diferentes áreas: enfermagem, serviço social, biblioteconomia, pedagogia, entre outras.

O que vivo atualmente é consequência de escolhas anteriores e isso inclui comportamentos, decisões e também, minha compreensão acerca dos fatos que estão ao meu redor e os aprendizados adquiridos no trajeto, pois sempre estive nessa constante busca de algo a mais. Dentre todas as escolhas que tomei, a mais significativa foi a de trocar de curso (de

biblioteconomia para pedagogia). Foi uma decisão difícil, pois, já estava quase na metade do meu curso anterior e iria recomeçar em outro, sem contar que esse já era meu terceiro curso, cheguei a cursar um semestre de serviço social e um de enfermagem. Foi um momento intenso para mim, pois não sabia qual caminho seguir; busquei cursar matérias de outros cursos para ver se me identificava com algo, até que cheguei à pedagogia.

Passei meses me preparando, estudando, meses de ansiedade e na primeira tentativa de trocar para o curso de pedagogia, não consegui. Pensei em desistir e terminar biblioteconomia, mas tive bastante suporte de pessoas ao meu redor que me deram força para continuar persistindo no que eu queria, acabei prestando o vestibular e dessa vez consegui passar.

As limitações foram muitas, cansaço, desânimo, pessimismo, ansiedade, insegurança, porém, a principal foi contar para os meus pais a minha decisão de trocar de curso. Sempre tive uma pressão por parte da família em relação à decisão profissional, acabavam me cobrando sobre o tempo que estava “perdendo” por não me decidir e ao que realmente faria com que eu me realizasse financeiramente. A parte de realização pessoal nunca foi uma pauta, demorou um pouco para compreenderem essa escolha.

Vivo em constante conflito em relação às possibilidades que podem surgir e as coisas que ainda quero fazer. A influência que tive a partir da educação que recebi dos meus pais foi aliada às minhas vivências, sempre busquei estar em algo que tenha a ver comigo e que me trouxesse a sensação de estar no lugar certo, porém, não consegui isso com nenhum dos cursos anteriores à pedagogia. Meu objetivo é que futuramente, independente da carreira que eu siga, possa fazer a diferença e gerar uma influência boa com o trabalho que exerço.

INTRODUÇÃO

E se pudéssemos voltar? Essa é uma pergunta que sempre me persegue e, mesmo sabendo que isso não seja possível, acredito que seja algo que já passou pela cabeça de todos pelo menos em algum momento da vida. Sempre nos questionamos sobre os caminhos que decidimos percorrer e sobre as inúmeras possibilidades se tivéssemos tomado algumas decisões diferentes.

Nos meus devaneios, me encontro refletindo sobre como seria o mundo se as pessoas pudessem mudar algum momento da sua vida, como seria a minha vida agora? Será que estaria satisfeita com a pessoa que me tornei? São tantos caminhos diferentes que poderiam surgir disso, talvez se fosse assim, seria mais fácil tomar decisões, mas que confusão seria nossa vida, não?

Essa questão utópica, de retroceder e mudar alguma escolha está muito ligada, para mim, às escolhas que fiz em relação ao curso que deveria seguir e sobre qual seria a minha futura profissão, pois sempre pensei que se tivesse como mudar algumas escolhas, talvez eu estivesse um pouco mais realizada e feliz com o caminho que minha vida estaria tomando.

E porque é tão difícil chegar a uma decisão? No meu memorial, coloquei um pouco do conflito que foi/é para mim essa busca por uma descoberta e realização dentro de um curso e de uma profissão, afinal, que lugar é esse de busca na caminhada profissional? Ainda não posso dizer que consegui me encontrar dentro do meu curso atual, pedagogia, pois, acredito que “caí” dentro dele sem planejamento, em um processo inquietante de explorar outras opções.

Vemos que a indecisão profissional é algo recorrente na nossa sociedade, porque se pararmos para analisar ao nosso redor, até dentro do nosso ciclo social, percebemos que muitas pessoas se formam, seguem carreira e trabalham anos em algo que não traz uma realização pessoal ou até mesmo o contrário, escolhem algo por gostar muito, mas, o mercado de trabalho não oferece muitas oportunidades de um retorno financeiro adequado, além disso, há uma desigualdade de oportunidades dentro desse meio.

Em referência a isso, proponho como exemplo a decisão profissional do meu pai, que batalhou para fazer um curso superior e o fez na área que mais se identificava e amava, Educação Física, mas depois que se formou, não conseguiu se manter na profissão, pois ela não estava suprindo as necessidades econômicas para manter uma família.

A partir desse ponto, me volto sobre esse processo de escolha profissional e por que temos que tomar essa decisão tão cedo, por que somos expostos a essa pressão nos anos da Educação Básica, jovens que ainda estão se descobrindo e descobrindo o mundo, em um processo de construção de maturidade e personalidade, são expostos a uma decisão tão importante, muitas vezes sem nem um amparo.

Meus pais sempre me incentivaram muito nos estudos e se esforçaram para que eu tivesse acesso ao ensino superior, pois acreditavam que assim minha realidade poderia diferir da deles, que não tiveram tantas oportunidades. Partindo desse ponto, sempre julgaram que eu só seria feliz e realizada se estivesse dentro de uma profissão notável que assegurasse uma vida financeira mais estável. Não julgo essa visão, pois é algo socialmente imposto, a desvalorização de diversas profissões.

A família pode exercer bastante influência dentro do campo de escolhas da profissão, às vezes por não ter tido oportunidades, às vezes por ser uma profissão que já está há tempos na família e, por isso, a necessidade de dar continuidade, por uma supervalorização de uma carreira e pela espera de um retorno financeiro, entre diversos outros fatores, depositando assim, uma expectativa e visão de vida que muitas vezes não se encaixa na perspectiva da pessoa.

Infelizmente, para muitos, não há esse espaço de escolha, pois ele é privado de uma grande parcela da população, essa oportunidade não é algo que todos têm acesso, ela não é oferecida e isso está diretamente ligado às desigualdades sociais e à falta de investimentos nos campos da educação. Há uma complexidade dentro desse tema que gera diversas vertentes para pesquisa e estudo. **Nesse trabalho busco trazer uma breve visão acerca das influências geradas pelo meio em que vivemos na escolha profissional e sobre o papel educacional e a ação que pode ser gerada tanto para o lado negativo quanto para o lado positivo, em relação a essa escolha.**

São muitos os fatores que influenciam as pessoas que conseguem o direito de escolha; a subjetividade e o psicológico do ser humano funciona diante de muitas influências do meio, e as nossas atitudes ao longo de nossa vida determinam aonde vamos chegar no futuro. Ponderando isso, vejo que o dilema de qual curso seguir vem acompanhada por diversos fatores, a dúvida e o medo de errar, de fazer diferente, de conduzir a nossa vida pelo melhor caminho, são algumas das questões ligadas a essa decisão.

Há uma diversidade de práticas educativas na sociedade que se realizam em muitos lugares e sobre diferentes modalidades. Com base na inquietação que sempre tive em relação

às problemáticas aqui expostas, abordo como objetivo deste trabalho **investigar qual a contribuição que a educação pode desenvolver no campo da decisão profissional**. Vejo que não há uma discussão recorrente sobre esse tema, que gera tantas incertezas e inseguranças em tantos jovens.

Aliada a fundamentos teóricos e a reflexões próprias, esse trabalho está estruturado em três partes: no primeiro capítulo – A linha que perpassa as decisões – abordo questões pertinentes ao meio em que vivemos e como isso pode gerar influências dentro do campo de oportunidades e tomada de decisão; o segundo capítulo – O papel educativo diante da escolha profissional –, refere-se a importância do espaço educacional para transformação e as possibilidades dessa educação no que diz respeito a tomada de decisão; por fim, no terceiro capítulo – Caminhos que agregam –, tomo por base a entrevista realizada com seis colegas do campo educacional¹ e baseado nos dados obtidos, busco refletir sobre a influência do meio, o papel da educação e a necessidade de lidar com as certezas e com as incertezas em relação à escolha profissional.

Dessa forma, busco falar sobre as nossas decisões, de como o espaço educacional influencia diretamente no nosso futuro profissional e como a educação pode ser a resposta para uma sociedade onde todos possamos ser mais livres e conscientes em nossas escolhas.

¹ O critério utilizado para selecionar as pessoas para a entrevista foi ser todas da área da educação, graduadas e graduandas de pedagogia. Acredito que por serem da área, poderiam elucidar melhor a questão da ação da educação diante da escolha profissional.

1. A linha que perpassa as decisões

Há um grande conflito interno em relação às minhas decisões sobre qual caminho profissional seguir, em consequência tive a oportunidade de viver diversas experiências e situações que poderiam mudar meu destino e vida atual. A nossa conduta se molda e difere conforme as experiências e as novas oportunidades adquiridas. O conflito interno é algo inevitável e propício a ocorrer com todos nós. A indecisão e o medo à opção de fazer escolhas gera dentro de nós a dúvida de “e se eu tivesse feito diferente”, porém, existem graus desses conflitos que podem prejudicar a vida adulta da pessoa.

Em seu livro, *A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planejados*, Urie Bronfenbrenner (1996) define o Desenvolvimento Humano como o conjunto de processos através dos quais os fatores ambientais e as características de cada pessoa interagem, e isso tem como resultado as mudanças nos aspectos individuais durante o decorrer da nossa vida. Além dos fatores internos, o desenvolvimento humano engloba vários fatores externos, sejam eles educativos, sociais, políticos, ambientais, econômicos, culturais, entre outros, isso acarreta mudanças e oportunidades na vida de cada sujeito.

Destaco essa breve definição sobre o desenvolvimento humano para frisar que cada indivíduo tem suas particularidades, seus processos psicológicos, suas características e sua construção histórico-social-cultural e ao se pensar sobre o contexto da tomada de decisão, percebe-se que muitos podem passar por um processo de crise de identidade, buscando no seu eu do passado novas escolhas e mudanças para o seu eu do futuro. As pessoas agem com base na sua compreensão de mundo e do que há nele e as consequências de uma situação se dão a partir do modo que lidamos com ela, do modo que ela é percebida.

1.1 As interações sociais e sua ação dentro do que nós somos

No artigo *Crenças e práticas culturais: co-construção e ontogênese de valores sociais*, a autora Angela Uchoa Branco (2006) aborda as ligações entre a origem do desenvolvimento humano e as práticas socioculturais, alguns processos e aspectos dentro do comportamento humano são fundamentais para a compreensão das nossas práticas sociais, busca-se compreender qual a influência exercida sobre nós durante nosso período de desenvolvimento

até chegar à vida adulta e como se dá a construção de significados e valores durante essa fase. Segundo Ângela Uchoa Branco (2006, p. 151-152):

Hoje podemos apresentar alguns importantes indicadores dos processos de canalização cultural da motivação social e da co-construção e fortalecimento dos valores humanos. Uma leitura crítica, intensiva e até mesmo microgenética dos presentes nas atividades e práticas culturais cotidianas fornece-nos informações significativas para a compreensão das articulações entre os níveis micro e macro e suas conseqüências em termos da co-construção de valores humanos e de práticas culturais, especialmente práticas sócio-educativas que se dão no contexto da família, da escola e de outras agências de socialização (a mídia, por exemplo).

O estudo a respeito dos diversos controles que a sociedade exerce sobre nós estabelece um componente importante para entender de forma mais ampla as questões relacionadas aos valores humanos e a participação social. Há sem dúvidas diversas condições que geram influência sobre quem nós somos e no nosso desenvolvimento, os fatores internos e externos estão em constante relação nesse processo, o social gera influência para cada sujeito que são ativos e atuantes no mundo.

O conjunto de influências e estímulos ambientais, alteram no decorrer do tempo os padrões de comportamento dos indivíduos, podendo transformar o curso das nossas vidas. As práticas e interações cotidianas desempenham um papel essencial no desenvolvimento da moralidade do homem, a socialização é fundamental na aquisição cultural de cada um de nós, é a partir dela que começamos a desenvolver nossa visão de mundo e do que é certo ou errado, nossas crenças e valores.

Os diversos lugares que passamos durante a nossa vida, o local em que vivemos, nossa família e amigos estão diretamente relacionados com a formação da nossa personalidade, desde criança passamos por diferentes situações que interferem no nosso modo de crescer e ver o mundo. Por mais que tentem definir quais fatores são dominantes na influência do desenvolvimento, ainda assim não foi possível obter uma comprovação de que há uma dominância de apenas um fator – interno ou externo.

1.2 Ser ou não ser?

A psicologia evolutiva trabalha com a mudança temporal da conduta humana e a partir disso pode-se observar e trabalhar diferentes aspectos como o comportamentalismo. O

Behaviorismo de Skinner faz uma análise de como as influências do meio podem interferir no comportamento humano e na conduta que pode surgir e se moldar por meio da experiência. Há consequências agradáveis e desagradáveis que seguem a produção de uma determinada conduta, entendendo que as metas buscadas se relacionam não só com a satisfação de necessidades instintivas, mas também com a necessidade de aprovação, afeto, diversão, etc. "Os homens agem sobre o mundo, modificam-no, e, no que lhe concerne, são modificados pelas consequências de sua ação" (SKINNER, 1978, p.15).

Diante disso, vemos que a experiência inicial possui um papel importante na tomada de decisão, há pessoas que podem ser excepcionalmente resilientes a partir de experiências vivenciadas. De acordo com Sordi, Manfro e Hauck (2011, p. 117), "Quando aplicado à psicologia, o conceito de resiliência refere-se à capacidade do indivíduo de enfrentar as adversidades, manter uma habilidade adaptativa, ser transformado por elas, recuperar-se ou conseguir superá-las."

Entretanto, de onde vem essa resiliência? Essas experiências frustrantes no decorrer da vida são aprendizados que nos ajudam a superar adversidades que surgem no caminho. Influências externas colaboram para o desenvolvimento dela, mas o desejo de mudança da realidade atual, pode ser um dos fatores com maior peso, porém, é nítido que nem todos partem do mesmo ponto e com as mesmas oportunidades, pois não possuem base para conseguir superar esses obstáculos. Há fatores externos ao indivíduo que estão diretamente ligados a isso, como a desigualdade social e de oportunidades, famílias desestruturadas, educação precária, discriminação de minorias, entre outros.

"Ser ou não ser, eis a questão" (SHAKEASPEARE, p. 424), a frase presente na peça Hamlet de Shakespeare oferece diferentes formas de interpretação tornando possível uma ligação com o assunto abordado. A dúvida, a possibilidade de fazer diferente, de ser algo que você deseja ou não, todas essas questões geram certa luta psicológica que pode às vezes não ser controlada. Fica a questão de que não é apenas quem vou "ser", mas a ideia de que "posso ou não ser".

Torna-se indispensável enxergarmos o mundo e prestar atenção nos nossos momentos de crise, podendo assim transformar isso em oportunidade de mudança. É necessária uma reflexão acerca do que já somos, muitas vezes não percebemos as oportunidades que surgem e as experiências adquiridas que trouxeram novos aprendizados e nos ajudou a abrir diversas portas ao longo das nossas vidas, mas que muitas vezes acabam sendo ignoradas quando

passamos por elas, não valorizando o esforço dedicado a isso. Vejo-me muito dentro desse quesito, acredito que ainda estou aprendendo mais sobre essa minha caminhada, que de certa forma, é uma caminhada de autoconhecimento também.

1.3 O que somos e quem vamos ser, a escola e o seu papel diante das oportunidades

DEVIR (do latim *devenire*) “[Filosofia] Processo de mudanças efetivas pelas quais todo ser passa. Movimento permanente que atua como regra, sendo capaz de criar, transformar e modificar tudo o que existe; essa própria mudança.” (DEVIR, 2020)²

A palavra *devir* na sua etimologia, significa chegar, mas no significado filosófico grego, a palavra se aproxima do sentido “vir a ser”, ou seja, a movimentação das coisas no universo para elas poderem chegar a ser outra, o movimento transitório da vida. Esse conceito foi primeiramente trabalhado pela filosofia e está em constante movimento e transformação. De acordo com Heráclito (2012, p. 141-143), conforme citado por Simonini (2015, p. 2):

Nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos. Não é possível entrar duas vezes no mesmo rio. Aos que entram nos mesmos rios afluem outras e outras águas; e os vapores exalam do úmido. As águas frias esquentam-se, o quente esfria-se, o úmido seca, o seco umidifica-se. A morte da terra é tornar-se água e a morte da água tornar-se ar e a do ar, fogo, e vice versa. (...) Vivemos a morte delas e vivemos elas a nossa morte (HERÁCLITO, 2012, p. 141-143).

Na filosofia de Heráclito o conceito de *devir*, diz sobre tudo que existe vir de um oposto seu, ou só existe a partir de seu anterior, sempre em transformação. O meio está constantemente influenciando a nossa vida, a mudança é a única constância da existência, nós não podemos entrar duas vezes no mesmo rio, pois o rio não é mais o mesmo.

Há diferentes conceitos para a palavra *devir* segundo a visão de muitos filósofos, porém, esse não é o foco aqui, abordo o conceito mais básico para poder relacionar com a problemática aqui exposta, *devir*, como significado e propósito. Emprego esse significado em um primeiro momento, pois, percebe-se um impasse por trás de pensar a pessoa como um *devir*, como “vir a ser”, e isso ocorre desde a infância. Ficamos presos a algo, a alguma ideia futura de vida, que

² DEVIR. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/devir/>. Acesso em: Ago 2021.

pode estar vinculada ao determinismo conforme as condições de vida de cada sujeito e ao conectar com a questão de qual profissão seguir, gera inúmeras frustrações.

Diante o sistema em vivemos, inerentemente ao pensar a longo prazo, no que “vamos ser”, pensamos no trabalho que vamos exercer e esse trabalho ocupa boa parte do tempo dessa vida que planejamos, isso traz as aflições e inseguranças ao que vamos exercer durante o decorrer dessa vida. Essa pressão social, que começa boa parte das vezes na adolescência, anula toda nossa trajetória, o que “já somos”, do que construímos, nos colocando dentro de uma “caixa” predeterminada de que apenas alguns caminhos são os ideais ou possíveis.

Esse planejamento e idealização acerca da nossa profissão/ocupação pode gerar inúmeras inseguranças, e enquanto existe esse pensar e essa pressão por uma escolha, existe também essa exigência de atrelar a escolha de qual profissão seguir ao retorno financeiro. Essa pressão social pode anular o desenvolvimento que se dá constantemente e a oportunidade de se descobrir, se aperfeiçoar dentro de uma área e impõe uma urgência para o mercado de trabalho.

A partir de uma breve análise sobre o desenvolvimento humano, nosso comportamento e condutas, retorno para o **ponto principal deste trabalho, os caminhos que permeiam a decisão profissional**, nossas escolhas nos moldam ao longo do caminho, definem nossa personalidade e as diversas experiências, aprendizados, frustrações, interações sociais e escolhas que tomamos, dizem muito sobre a nossa busca por novas oportunidades, além da busca por qual carreira seguir.

O âmbito escolar é sem dúvidas um dos locais que mais proporciona trocas sociais, as relações estabelecidas dentro desse meio têm um papel fundamental no que diz respeito às oportunidades de formação universitária e de introdução ao mercado de trabalho. Mas, também, vemos que há uma predominância de um ensino engessado, que acaba perpetuando desigualdades, onde as metas preestabelecidas não permitem uma exploração maior do que cada um é e pode ser. Associado a isso, ainda temos uma visão determinista de que o meio que o sujeito nasce influencia em suas ações, limitando ainda mais as oportunidades para as classes menos favorecidas.

No segundo capítulo do livro Escritos da Educação, Bourdieu (2007), fala sobre a escola ser um âmbito conservador, a maior parte das pessoas tem uma visão onde a educação ocupa um espaço que por si só consegue libertar os indivíduos e promover a ascensão social, um espaço para fornecer conhecimentos que vão ser uteis para ter acesso a uma vida melhor, porém, Bourdieu traz algumas críticas sobre essas ponderações, trazendo o conceito de escola

conservadora, onde ao contrário da escola democrática, progressista, a escola representaria na prática um meio de propagar e de evidenciar as desigualdades sociais que já existem na sociedade. Ele introduz a noção de duas categorias de capital, a ideia de capital social e cultural.

O capital social seria constituído pelos grupos sociais que você integra e são determinantes para o seu sucesso profissional, tem a ver com a inserção dentro desses grupos favoráveis em termos profissionais que aqueles que não têm essa inserção não vão possuir. O capital cultural, por sua vez, diz sobre as referências adquiridas ao longo da vida, o acesso ou não ao capital cultural é determinante para o êxito escolar do indivíduo e também na vida profissional (BOURDIEU, 2007).

Ao pensar sobre as oportunidades relacionadas à decisão de qual profissão seguir e sobre como o acesso à educação possibilita e aumenta as oportunidades de entrar no mercado de trabalho, atrelado às questões que Bourdieu traz, a escola, pode se tornar um lugar onde as desigualdades sociais são conservadas quando passa a valorar o conhecimento do educando conforme sua escala de valores. Estar na mesma escola e mesma classe não coloca todos no mesmo patamar de aprendizagem, além disso, há uma desigualdade de oportunidades que atinge diferentes grupos de educandos em função do contexto social, de vida e do grupo que pertence. Bourdieu (2007) aborda essa questão ao falar sobre a escola preservar a manutenção de um sistema desigual, onde apenas alguns grupos são favorecidos.

Além de permitir à elite se justificar de ser o que é, a "ideologia do dom", chave do sistema escolar e do sistema social, contribui para encerrar os membros das classes desfavorecidas no destino que a sociedade lhes assinala, levando-os a perceberem como inaptidões naturais o que não é senão efeito de uma condição inferior, e persuadindo-os de que eles devem o seu destino social (cada vez mais estreitamente ligado ao seu destino escolar, à medida que a sociedade se racionaliza) - à sua natureza individual e à sua falta de dons. O sucesso excepcional de alguns indivíduos que escapam ao destino coletivo dá uma aparência de legitimidade à seleção escolar, e dá crédito ao mito da escola libertadora junto àqueles próprios indivíduos que ela eliminou, fazendo crer que o sucesso é uma simples questão de trabalho e de dons. (BOURDIEU, 2007, p. 59).

Há essa visão errônea de que o estudante não se dedicou o suficiente quando há diversos problemas por trás, o ensino por si só não vai garantir o sucesso ou fracasso escolar. É necessário entender toda essa dinâmica na hora de cobrar e avaliar os estudantes. Retornando ao ponto da escolha profissional, essa questão acaba que segue sendo um fator de privilégio, infelizmente vivemos em uma sociedade desigual que retira o direito de boa parte de sua população de estar em lugares que deveriam pertencer a todos.

Para encerrar, fica o questionamento: como ter a oportunidade de escolher alguma profissão, sentir confiança para tal, ou ao menos desenvolver melhor habilidades e o autoconhecimento para tentar se identificar em algo, quando muitos não se sentem pertencentes ao ambiente escolar? Sendo a educação uma das formas mais viáveis dos grupos menos favorecidos conseguirem ter a possibilidade de uma verdadeira escolha sobre seu futuro.

2. O papel educativo diante da escolha profissional

Ao pensar sobre os fins da educação escolar não podemos associar a apenas um objetivo, que habitualmente é à construção do conhecimento. Pensar sobre a educação é também pensar sobre a autonomia do estudante, a oportunidade de gerar uma aprendizagem para a liberdade e formação do protagonismo. Outro ponto para se pensar nos processos educativos, é sobre a educação como instrumento para a reprodução ou para a transformação social. No capítulo anterior abordei sobre a desigualdade escolar ser um fator que acaba afetando e distanciando as classes menos favorecidas de conseguir uma emergência popular³.

A educação como reprodução pode partir de um controle social e padronização, onde a educação seria um mecanismo essencial para a manutenção e perpetuação dos sistemas sociais (BOURDIEU, 2007). Neste sentido, esse padrão acaba sendo imposto aos indivíduos que internalizam as características da sociedade (normas e valores que regem o seu funcionamento), contribuindo para a sua conservação (DURKHEIM, p. 54, 2011). Com isso percebe-se que esse sistema educacional acaba por valorizar a cultura da classe dominante e, através de seus mecanismos de seleção, permite a ascensão de alguns, enquanto exclui outros, mantendo uma aparente neutralidade. Essa justificativa da exclusão se pauta pela falta de habilidade, de interesse, de capacidade, etc.

Entretanto, essa reprodução pode ser um mecanismo para o entendimento da sociedade e das desigualdades sociais, um meio para se pensar em políticas específicas para combater desigualdades dentro e fora da escola. É necessário pensar na formação de políticas públicas capazes de incentivar a permanência dos estudantes, a escola é um âmbito essencial para desenvolver os princípios da democracia, cidadania e gerar a igualdade de oportunidades.

O acesso à educação é também um meio de abertura que dá ao indivíduo uma chave de autoconstrução e de se reconhecer como capaz de opções. O direito à educação, nesta medida, é uma oportunidade de crescimento cidadão, um caminho de opções diferenciadas e uma chave de crescente estima de si. (CURY, 2002, p. 260)

Além disso, é imprescindível oferecer condições socioeconômicas às pessoas que estudam, principalmente para que exista uma estrutura capaz de sustentar e de oferecer um ambiente de troca de conhecimentos e reforços do aprendizado, para garantir que a e o estudante

³ Expressão utilizado pelo autor Paulo Freire em seu livro *Educação como prática da liberdade* (1997).

frequente a escola e possa se dedicar aos estudos, evitando que ele(a) trabalhe precocemente e isso interfira nos seus estudos.

O âmbito escolar é um importante lugar de trocas, não é um espaço neutro e apenas de construção do conhecimento, a escola vai para além de ser esse lugar, é um espaço político, de reflexão, de discussão, de problematização, aspectos importantes também para essa construção. Sendo assim, é igualmente um espaço para poder desenvolver melhor as opções de escolha profissional. Penso que as vivências adquiridas nesse meio, tanto por experiências proporcionadas, quanto por vínculos estabelecidos e interações sociais, associadas às vivências já adquiridas anteriormente, são importantes para auxiliar na busca de uma identificação com uma profissão.

A adoção de políticas públicas que garanta mais matrículas na educação básica não é o suficiente para garantir aos estudantes o direito à educação. É necessária uma reestruturação das escolas públicas e, para isso, é essencial propor uma gestão democrática e uma valorização dos profissionais e das instituições de educação, para elas poderem garantir não só o acesso, mas também um ensino de qualidade e a permanência dos estudantes. Segundo o artigo 205 da Constituição Federal:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988).

A escola pode desenvolver um papel essencial quando falamos sobre a busca de uma transformação social, é um ambiente dinâmico e em constante transformação, desse modo, não pode se render aos desejos e objetivos das classes dominantes, beneficiando aos interessados de um grupo específico enquanto os interesses e necessidades da outra parcela são desconsiderados.

2.1 Educação para a transformação

Durante meu trajeto no curso de pedagogia, de todos as obras e autores apresentados, atribuo um lugar de importância ao autor Paulo Freire, sua obra abrange diversos temas que englobam todo um campo da educação. Abordo o autor para esse segundo momento, com um diálogo juntamente às suas contribuições educacionais, buscando trazer uma relação com as

escolhas relacionadas ao caminho profissional. Paulo Freire foi imprescindível para a minha formação, acredito que me fez manter a esperança e perceber que sim, a educação é uma ferramenta essencial para alcançarmos uma mudança plena, primeiramente, de nós mesmo.

E o que seria esse espaço educativo que visa a transformação? Um espaço que possua uma prática educativa como ato político, onde busca a consciência reflexiva da cultura visando a reconstrução crítica do mundo humano.

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres "vazios" a quem o mundo "encha" de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como "corpos conscientes" e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo. (FREIRE, 1987, p. 38)

Um lugar onde o educando possa aprender sobre sua realidade e se tornar uma pessoa competente para a leitura, possibilitando uma nova visão para enxergar coisas que até então não tinha se dado conta, isso já seria uma pequena mudança de mundo.

Há uma diversidade de experiências que o âmbito escolar pode proporcionar, e, quando falamos sobre a questão escolha profissional, essa educação escolar visa um desenvolvimento do educando para um autoconhecimento também, buscando entender sobre si e o papel que ocupam na sociedade, sobre as oportunidades e escolhas que podem surgir, incentivando-os/as a pensar novas possibilidades, novos espaços a serem ocupados e conquistados. É de extrema importância um espaço educativo onde os indivíduos têm oportunidades de se expressarem e afirmar suas identidades, bem como se aproximarem de sua realidade local. A concepção Libertadora de Paulo Freire traz a relação opressor e oprimido refletida na educação, e como isso afasta o estudante de sua autonomia, posicionamento crítico e questionador, tornando-o conformado e dominado.

Em relação à educação, o opressor pode ser o sistema educacional e em especial, a atuação opressora do próprio professor/a em sua sala de aula quando exclui a escolha de fala dos estudantes. Já o oprimido é aquele que se encontra numa condição de exploração e dominação, em que não detém os meios de produção e tampouco espaço de diálogo nos meios sociais. Traduz-se naquele estudante que é impedido de participar de forma autônoma de seu sistema escolar, com currículo, conteúdo e métodos avaliativos. (CHICO, 2017 p. 39)

A Pedagogia do Oprimido busca a superação dessa relação para que ambos alcancem a liberdade, o educador deve fornecer condições para que os educandos tomem consciência de sua realidade, podendo dialogar, refletir e se expressar:

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos. Distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão se comprometendo, na práxis, com a sua transformação; segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação. (FREIRE, 1987, p. 23)

Através de propostas político-pedagógicas que possam “(...) oferecer às crianças e aos jovens todas as ocasiões possíveis de descoberta e de experimentação — estética, artística, desportiva, científica, cultural e social.” (DELORS, 1998, p. 100), pode-se proporcionar autonomia para que os educandos tomem consciência de suas realidades, esses projetos possibilitam a criação de significados, expressão livre e autônoma, contestação, manifestação e resistência.

Apesar de ainda me sentir perdida sobre uma possível profissão, a pedagogia me trouxe para esse lugar de admiração, de ver sentido, de ver essa educação como ato político e de a partir da atuação do pedagogo, auxiliar os educandos junto as questões pertinentes a se encontrar. Durante o decorrer do curso e com o aprendizado adquirido, vi como a prática educativa pode alcançar um lugar de compromisso com todos, com a existência, com a justiça social e com direitos humanos, que essa prática pode se apropriar das coisas e dar novos significados, auxiliando a desenvolver um percurso, mas um percurso coletivo, que presa pelo diálogo.

E que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. (FREIRE [1967] 1997, p. 107)

A partir desse diálogo, busca-se tomar consciência do mundo que rodeia, de realizar uma leitura de mundo que traz significado à leitura das palavras, frases e textos. Há um mundo de possibilidade quando lemos Paulo Freire (1987), ganhamos a concepção de que a educação pode ser diferente a partir da prática do ensinar para transformar, uma pedagogia da autonomia onde o papel do educador visa um ensino mais pautado nas perguntas do que nas respostas,

onde o educando possa se situar no processo de ensino-aprendizagem, pois, para compreender algo é necessário que aquilo lhe faça algum sentido. O educando, então, passa a ter uma atitude questionadora perante as informações, o que desencadeia a competência de que nasci para aprender, tenho capacidade de aprender.

(...) Para a educação problematizadora, enquanto um quefazer humanista e libertador, o importante está, em que os homens submetidos à dominação, lutem por sua emancipação. Por isto é que esta educação, em que educadores e educandos se fazem sujeitos do seu processo, superando o intelectualismo alienante, superando o autoritarismo do educador "bancário", supera também a falsa consciência do mundo. O mundo, agora, já não é algo sare que se fala com falsas palavras, mas o mediatizador dos sujeitos da educação, a incidência da ação transformadora dos homens, de que resulte a sua humanização. (FREIRE, 1987 p. 43)

Experiência. Cada um traz a sua experiência que é única, nem sempre toda educação e aprendizagem é transformadora. Essa mudança só vai se dar desde que o estudante se conecte com quem ele é, para gerar então a sua ação social. A educação só é transformadora quando transforma o ser humano para si, para a partir daí, poder transformar o mundo.

Esse espaço educativo pode auxiliar o indivíduo no que diz respeito a tomada de decisão profissional ao estimular o pensamento crítico, ao proporcionar diálogos, ao falar sobre seu papel de sujeito ativo na sociedade, sobre a importância de ter uma atitude questionadora. Trata-se de um conjunto de ferramentas para refletir, analisar e a partir disso ter base para poder estruturar sua decisão a partir do autoconhecimento e das informações veiculadas nesse processo. O ideal seria uma proposta pedagógica que englobe diferentes métodos, ampliando as possibilidades para o desenvolvimento das competências, habilidades e interesses do educando, que possibilite o enfrentamento de suas próprias escolhas com o máximo de informação e conhecimento, tanto na esfera pessoal quanto em suas próprias habilidades e interesses. Além de todas essas questões, é indispensável proporcionar aos jovens, uma discussão sobre o conceito de trabalho e como se organiza na atualidade.

Discutir e se apropriar do conceito de trabalho é extremamente necessário no processo de escolha profissional para compreendê-lo criticamente como um elemento inerente ao ser humano, que se transforma continuamente com o avanço do capitalismo e subdivide a sociedade em classes. É necessário que eles compreendam a partir do estudo das relações trabalhistas, que o mercado de trabalho é excludente por si só, e por isso não pode ser o único fator de escolha da profissão, pois não é só o mérito ou esforço que garantem uma vaga num sistema tão injusto. (GUIMARÃES, LUSTOSA, MUCHAGATA 2020, p.4)

Toda escolha é um ato de coragem, a decisão acerca de qual profissão seguir pode ser determinada por diversas influências externas, percebo que o espaço escolar possui um papel importante nessa questão, a discussão levantada nesse capítulo busca trazer uma reflexão sobre como esse espaço educacional transformador pode auxiliar em uma decisão autônoma de sua futura profissão. Diante disso, volto-me para a importância de se discutir a necessidade de uma educação contínua, onde a função ensino aprendizagem possua um teor social e político. Esse espaço escolar tem de estar aliado a uma gestão democrática, participativa, que incentiva os estudantes em seu protagonismo, incentive a empatia, que preze pelo espaço humanizador e trabalhe as relações humanas.

É imprescindível garantir o direito de acesso à educação e isso poderia ocorrer desde que seja oferecida igualdade de oportunidades, para, assim, esse educando ser um agente transformador na sociedade. Paulo Freire nos diz muito sobre a importância da pedagogia do cuidado, do cuidar do outro, de sair dessa escola competitiva e individualista. Sobre a importância do exercício de cidadania, da criação de um currículo que dialoga com os interesses dos educandos, que respeita a diversidade, pluralidade cultural, que se fortalece nessa pluralidade e avança com as diferenças, com o respeito.

3. Caminhos que agregam

Após todo o diálogo estabelecido no decorrer deste trabalho acerca das diversas influências que temos perante a nossa formação, da escola e seu papel nas questões aqui elencadas de oportunidades e da escolha profissional, nesta parte, abordo a pesquisa de campo realizada para atender e responder ao objetivo deste trabalho, como que a educação pode auxiliar em uma escolha profissional. Para isso, foi realizada uma entrevista com 6 pessoas⁴, sendo que 1 está no fim do curso de pedagogia e 5 já o concluíram. A partir do diálogo estabelecido e do compartilhamento de experiências acerca da decisão profissional, considereirei que essas pessoas poderiam elucidar a questão que estou buscando compreender.

Perfil das entrevistadas:

Aline Sousa – Graduanda – 26 anos.

Ana Luiza Rodrigues – Graduada – 25 anos

Dayana Tainá Alves – Graduada – 23 anos

Lana Teixeira – Graduada – 24 anos

Larissa Soares – Graduada – 24 anos

Maria Helena Costa – Graduada – 34 anos

Para tal investigação, foram levantadas quatro perguntas onde é levado em consideração o contexto para a decisão profissional e a ação educativa que pode ser exercida nessa questão. Essas, por serem complementares em pares, serão analisadas em dois tópicos no decorrer do capítulo.

1 - Como você escolheu seu curso/profissão?

2 - Quais fatores influenciaram nessa escolha?

3 - A escola ou algum processo educativo auxiliou nessa escolha?

⁴ O critério utilizado para selecionar as pessoas para a entrevista foi ser todas da área da educação, graduadas e graduandas de pedagogia. Acredito que por serem da área, poderiam elucidar melhor a questão da ação da educação diante da escolha profissional.

4 - Como você vê a possibilidade da educação auxiliar nesse processo de escolha profissional?

3.1 A escolha da profissão e as influências ao redor

Neste tópico irei analisar as respostas para a primeira e segunda pergunta: como você escolheu seu curso/profissão e quais fatores influenciaram nessa escolha. Nossas escolhas estão rodeadas de sentidos e perpassam pela constituição do indivíduo como sujeito histórico, cultural e social e também nas diversas vivências que ajudaram a constituir nossa personalidade. Vemos que as escolhas são inevitáveis em nossa vida, se pautam a partir das oportunidades e cada indivíduo possui uma dinâmica e se articula de uma maneira para chegar a elas.

Esse processo é, sem dúvida, extremamente complexo, marcado por uma multiplicidade de possibilidades de configuração de motivos e, portanto, de sentidos, claro que sempre dependendo das condições subjetivas e objetivas. Desse modo, o homem constitui formas de enfrentar a realidade confrontando-a, comparando-a, significando-a a partir das suas condições subjetivas, que, sem dúvida, são mediadas pela realidade social e, nesse movimento, constitui motivos e sentidos contraditórios, frágeis muitas vezes, mas que impulsionam e marcam suas atividades. (AGUIAR, 2006, p. 17.)

Podemos citar a importância do comportamento humano dentro do contexto da nossa vida, ele compreende as ações realizadas por todos nós em determinadas situações, como os motivos que ocasionam tais ações e todas as alterações que o meio em que vivemos e as nossas relações sociais ao longo da vida possibilitam a cada indivíduo.

Dentre as respostas que recebi para a primeira pergunta, boa parte das entrevistadas não tinham convicção em relação à escolha por cursar pedagogia e acabaram optando pelo curso a partir de alguns fatores pessoais e sociais:

“Depois de tentar alguns cursos e não me encontrar, vi que era necessário tomar alguma decisão em relação a minha vida acadêmica de imediato. Por gostar muito de crianças, optei por pedagogia.” (Aline Sousa, 26 anos)

“No início eu não tinha certeza do que de fato eu queria como profissão e escolhi influenciada pela opinião de amigos e também pela possibilidade de passar e entrar na Universidade pública.” (Larissa Soares, 24 anos)

“Pela nota de corte. Optei pelo que seria mais fácil de passar na época.” (Maria Helena Costa, 34 anos)

Esse momento da escolha profissional geralmente está cercado de muita tensão, muitos sentem uma pressão e cobrança, tanto pela família, círculo social ou até mesmo por parte da escola.

A experiência anterior pode ser extremamente significativa na hora dessa tomada de decisão, ter um contato com a profissão antes dessa escolha pode proporcionar vivências importantes com potencial na construção de interesses e habilidades do indivíduo.

“Eu comecei trabalhando em uma escola de educação infantil. Daí por esse contato diretamente, eu despertei a vontade de fazer pedagogia.” (Ana Luiza Rodrigues, 25 anos)

Outro ponto a destacar é sobre essa escolha estar em um lugar de solidão e indecisão, vejo que não há um auxílio a respeito, o que carrega em uma decisão impulsiva, sem um olhar dedicado.

Ao abordar a incerteza acerca dessa escolha profissional, proponho a reflexão sobre isso estar relacionado à falta de autoconhecimento diante de algumas questões e também ao desconhecimento acerca do mercado de trabalho e das possíveis profissões e oportunidades. Quando chegamos no momento de decidir por qual curso optar somos rodeadas de diversas opiniões, da família, amigos, professores, não refletimos sobre nossos desejos e muitas vezes nem temos a oportunidade para isso, para compreender melhor o que somos, pensar e desenvolver nossas habilidades, interesses e características, pois há um imediatismo para essa escolha e ao nos deparar com ela, não sabemos o suficiente a nosso respeito.

(...) a maturidade para a escolha da profissão pode compreender duas dimensões: atitudes e conhecimentos. A atitude é formada por três subdimensões que são a determinação, está aponta o quanto o jovem está seguro e determinado em relação à escolha profissional; a responsabilidade, que diz respeito a quanto o jovem se preocupa com a escolha da profissão e por fim a independência, esta reflete o quanto o jovem decide por si só, sem interferência externa. Já no que tange a segunda dimensão, a de conhecimento, apresenta outras duas subdimensões que são o autoconhecimento, este reflete o quanto o jovem conhece de si próprio, (...) e o conhecimento da realidade educativa e socioprofissional. (GRINGS, JUNG, 2017, p. 7)

Contudo, vejo que há outro lado, onde a certeza acerca do que seguir profissionalmente pode surgir no decorrer da infância e juventude e prevalece durante a vida adulta:

“Sempre tive uma aptidão e um afeto imenso pela docência, a pedagogia entrou em minha vida para me mostrar que seria na educação o meu lugar.” (Dayana Tainá Alves, 23 anos)

“Desde pequena eu nunca visualizei outro curso, quando criança eu enfileirava as bonecas e brincava de escolinha, ainda que as pessoas sempre me motivassem a escolher outra coisa “melhor”. Ser professor não é um dom, pois estudamos muito para estar ali, porém, essa minha paixão genuína me fez acreditar que eu nasci para ser professora. Fiz essa escolha sozinha, sem o apoio de ninguém, apenas seguindo o meu sonho e o que eu acreditava ter sentido para mim.” (Lana Teixeira, 24 anos)

Apesar de termos exemplos de pessoas que foram felizes em suas escolhas, ainda vemos que para outra parcela essa decisão ainda está no campo das incertezas. O autoconhecimento é algo que desenvolvemos ao longo da vida, mas é necessário o reforço desse exercício, principalmente entre os jovens, fase que está diante de tantas inseguranças sobre o futuro e o peso de decidir uma profissão ou curso nessa etapa pode ser um processo que gera inúmeras angústias.

Como vimos anteriormente, essa decisão está cercada de influências que podem ser internas ou externas ao indivíduo, ao analisar as respostas que recebi para segunda pergunta – quais fatores influenciaram nessa escolha – percebi que a tomada de decisão não está diretamente ligada à apenas um fator. Essa decisão, às vezes, pode ser tomada a partir de influências sociais, familiares, culturais – sem ignorar a influência desses fatores. Contudo, é importante passar por um processo mais pessoal de reflexão e não focar somente na procura externa para essa escolha.

Nessa questão, vejo respostas divididas, de pessoas que conseguiram ter esse olhar introspectivo e assim se identificar em uma profissão a partir do autoconhecimento adquirido até o momento e de quem foi mais influenciada por fatores externos. Percebo que a pressão exercida, o tempo, as experiências anteriores à decisão, incentivo de pessoas próximas, o desejo e a oportunidade de ter uma graduação e a vontade de fazer a diferença, são os principais motivos para a escolha do curso.

“A idade; cobrança dos meus pais e namorado, na época; incômodo por “estar fazendo nada”, desejo em ter uma graduação, entre outros. Mas a maioria deles são frutos de cobranças externas. Quando optei por pedagogia não tinha convicção e nem via como uma profissão que queria de fato, atuar.” (Aline Souza, 26 anos)

“Fatores de estar cara a cara com “pedagogia”, de estar no dia a dia vivendo e com experiências dentro das salas de aula. E pelo apoio da minha família.” (Ana Luiza Rodrigues, 25 anos)

“Capacidade de comunicação (na escola sempre ouvia dos meus professores ser uma aluna bastante comunicativa) isso motivou a levar para minha futura profissão. Fazer a diferença com a inclusão.” (Dayana Tainá Alves, 23 anos)

“Nota de corte do curso e o desejo de conquistar minha independência de maneira rápida.” (Maria Helena Costa, 34 anos)

3.2 Um olhar educativo

No decorrer do trabalho busquei refletir sobre o papel educacional e sua possível colaboração na tomada de decisão quanto a escolha profissional, para uma maior compreensão desse assunto, retomo às duas últimas perguntas realizadas na entrevista: a escola ou algum processo educativo auxiliou nessa escolha e como você vê a possibilidade da educação auxiliar nesse processo de escolha profissional.

Com base no que foi relatado pelas entrevistadas para a terceira pergunta – a escola ou algum processo educativo auxiliou nessa escolha –, percebe-se uma dualidade de vivências, onde para uma parcela há uma ação por parte do âmbito escolar nessa tomada de decisão e para a outra, houve uma ausência dessa ação.

Nota-se o trabalho desenvolvido pela equipe docente dentro de alguns relatos, demonstrando o impacto e o papel fundamental de ações educativas que se pautam na autonomia do estudante, nas experiências, no cuidado, no respeito e no desenvolvimento de um espaço de segurança:

“Sim, a escola sempre foi meu refúgio, principalmente o corpo docente que até nos dias atuais ainda me auxiliam sempre. Por esses motivos que me encantou cada vez mais seguir pela profissão docente.” (Dayana Tainá Alves, 23 anos)

“A sala de aula, a escola e os professores sempre me despertaram admiração e durante minha trajetória escolar fui me apaixonando cada vez mais e sentindo que gostaria de um dia estar ali como professora, fazendo a diferença na vida das pessoas, acolhendo meus alunos como eu me sentia acolhida em diferentes momentos. Momentos esses em que eu me senti sozinha, excluída e sofri preconceito na escola, meus professores foram meu ponto de paz. Todas essas influências me ajudaram na escolha do meu curso.” (Lana Teixeira, 24 anos)

“Estudei em escola pública e durante o Ensino Médio a escola focava bastante nesse aspecto do PAS e ENEM. Eram ofertadas aulas específicas para as referidas avaliações no contra turno, o que, certamente, ajudou muito nos estudos e preparação. Além disso, muitos professores apoiavam, tiravam dúvidas e ajudava nas escolhas.” (Larissa Soares, 24 anos)

Por outro lado, há esse espaço de dúvida recorrente em relação a que caminho seguir que pode estar ligado com o sentimento de não conseguir se encontrar em um curso/profissão e com a imposição por parte do nosso círculo social para que essa decisão seja tomada de imediato, pois, vemos que há esse depósito de expectativas que as pessoas colocam sobre nossas decisões que acabam gerando um apanhado de frustrações, para ambos os lados. Além disso, há um imediatismo para o mercado de trabalho, sem que haja uma orientação apropriada. Há um lugar de desamparo e incompreensão, percebo isso nas respostas negativas quanto ao papel desenvolvido pela escola:

“Não. Desde pequena tive clareza que queria ser médica veterinária. Quando entrei no curso e vi que não era o que eu esperava/queria, foi uma frustração muito grande e não encontrei apoio para me reorganizar ou encontrar o melhor caminho a seguir. As pessoas não me entendiam e viam a minha decisão em sair da faculdade como ingratidão e imaturidade.” (Aline Sousa, 26 anos)

“Não tive nenhum auxílio na escola que me ajudasse a discernir o curso que eu queria. Somente depois que já tinha saído do colégio que achei meu caminho. Penso que nos dias atuais, as escolas não trabalham e nem auxiliam os jovens para que ajudem nessa decisão. Na minha época, recordo de alguns professores meus falando, que tínhamos que escolher um curso que desse dinheiro/retorno. E hoje vejo que é assim. Meio que uma competição, você sempre tem que ser melhor que o outro.” (Ana Luiza Rodrigues, 25 anos)

“Não tive influência alguma de escola ou professores. Acredito que seria de grande ajuda a realização de palestras sobre o mercado de trabalho nas diversas áreas, aplicação de teste vocacional e o relato de experiências de profissionais para saber de fato como é a profissão na prática.” (Maria Helena Costa, 34 anos)

Há uma problemática nesse assunto que deve ser estudada e pesquisada mais a fundo para que ganhe visibilidade e um espaço de importância e assim seja desenvolvida práticas e técnicas voltadas para essa demanda. As escolas precisam oferecer um espaço de diálogo com os seus educandos sobre as possibilidades e desafios que vêm após o término da educação básica.

Para finalizar, realizo a análise e reflexão das respostas para a última pergunta da entrevista – como você vê a possibilidade da educação auxiliar nesse processo de escolha profissional. Vejo que há um consenso sobre o potencial da educação desenvolver um papel importante nesse processo. Bell Hooks (2013) nos fala sobre educar como prática da liberdade, da relação professor-aluno e suas implicações, de ensinar com a linguagem que o educando entenda, de forma respeitosa e crie condições necessárias para o aprendizado e amadurecimento do estudante.

Quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo. Esse fortalecimento não ocorrerá se nos recusarmos a nos abrir ao mesmo tempo em que encorajamos os alunos a correr riscos. (HOOKS, 2013, p. 35)

A partir das respostas, percebo a importância de promover um espaço de um ensino mais dinâmico, que desenvolva a conscientização em sala, que reforce o engajamento crítico, que tenha ênfase no bem-estar e valorize a expressão do educando.

“A educação tem a capacidade de conversar, cuidar e acolher a bagagem de cada estudante, auxiliando nesse processo de decisão e mostrando que são inúmeras as possibilidades e que não precisamos olhar a escolha do curso/profissão como chance única. Podemos recomeçar, podemos tentar de novo e buscar nos encontrar profissionalmente, para sermos bons profissionais, comprometidos com a área que escolhemos.” (Aline Sousa, 26 anos)

“Quero passar aos meus futuros alunos todo carinho e dedicação a mim compartilhados diante minha trajetória escolar. Quero ser uma educadora com olhar inclusivo e voltado para a arte educação.” (Dayana Tainá Alves, 23 anos)

“A escola tem total influência na escolha profissional do aluno, de diferentes formas ela deve ser um lugar de acolhimento, pois não sabemos o que os alunos estão passando, mas devemos fazer com que eles se sintam bem e parte de todo aquele contexto. Se a minha experiência professor-aluno tivesse sido traumatizante talvez eu nunca sentiria o desejo de ser professora, mas pelo contrário eu tive a sorte de ter professores carinhosos e acolhedores. Em muitos momentos eu sentia como eles podiam transformar tantos dias ruins para mim em bons, quando eu estava na sala de aula e eles me diziam o quanto eu era bonita, capaz... quando eles me empoderaram a me aceitar. Eu senti que eu poderia um dia fazer isso por alguém também.” (Lana Teixeira, 24 anos)

Há outro ponto para se ponderar, sabemos sobre a possibilidade desse âmbito educacional gerar uma ação positiva dentro da decisão profissional, porém, é necessário reforçar que cada indivíduo possui suas particularidades e a escolha tem que ser pessoal e não uma imposição. Durante o Ensino Médio percebe-se essa urgência das escolas – em parte da rede particular –, para ter mais nomes de seus estudantes nas listas das universidades, há essa pressão para passar, mas não há um auxílio quanto a essa decisão.

“A escolha sempre será do indivíduo, mas é imprescindível que, enquanto educador(a), o apoio, o auxílio, o ensino, entre outros, seja prestado a quem está nesse processo de escolha ou dúvida profissional.” (Larissa Soares, 24 anos)

“Eu acho que é essencial esse auxílio. Com projetos que mostrem como funciona tais profissões, com matérias que a escola possa oferecer para os alunos e por

cada sujeito escolher qual linha quer seguir. Sei que ainda é algo distante, porém algo que acredito que lá na frente aconteça.” (Ana Luiza Rodrigues, 25 anos)

“Uma educação de qualidade que estimula o pensamento e a criatividade pode auxiliar o aluno a determinar por qual área profissional deseja seguir. A identificação pessoal com um professor ou com uma matéria influenciam também nessa escolha. Acredito que seja importante a escola mostrar outras profissões não tão conhecidas, mas que também têm um bom mercado de trabalho.” (Maria Helena Costa, 34 anos)

É visível o consenso no papel transformador da escola, as respostas aqui apresentadas mostram e reforçam como o ambiente escolar pode ser o local de preparação dos estudantes na escolha profissional proporcionando meios para uma decisão mais consciente e autônoma.

CONCLUSÃO

Há um campo de possibilidades dentro desse tema, minha pesquisa é apenas um recorte introdutório e reflexivo. Foi desafiador destacar apenas algumas questões, vejo que a decisão profissional perpassa por diferentes espaços e há muito que se discutir e pesquisar.

Diante de todo o exposto e das limitações, me propus a refletir e investigar as contribuições que a educação pode gerar diante da escolha profissional. Nesse quesito, percebo como é necessário que o trabalho educacional seja feito em conjunto, todo o espaço educativo pode auxiliar nesse processo. Abordo essa questão, pois nem todas as escolas têm disponível um serviço de psicólogo ou orientação profissional para seus alunos, por isso a importância de pensar em outros meios que possam auxiliar.

Minha decisão por trazer essa reflexão sobre a ação do espaço educacional na totalidade e não apenas a um serviço específico parte desse princípio de que nem todas as escolas contam com esses profissionais em suas equipes, sem ignorar todo o trabalho e ajuda que pode ser desenvolvido em espaços que os contemplam, mas, sendo realista para ver que essa opção não está disponível para todos.

Outra questão a ser ponderada é sobre a visão propositiva do espaço educacional transformador, vejo a importância dessas práticas educativas pautadas para desenvolver a autonomia no educando, porém, não desconsidero que há muitos fatores que impedem que essa realidade seja alcançada. A educação no Brasil é tratada com descaso, não há políticas públicas suficientes de investimentos que visam a melhoria a longo prazo, além disso, há o sucateamento dos ambientes escolares e a desvalorização do profissional da educação, todos esses fatores podem tornar esse ambiente educacional desfavorável para o desenvolvimento de uma educação crítica e transformadora. Transformar a educação em prioridade nacional é essencial para conseguir que sejam feitas as mudanças necessárias para que essa educação alcance a todos. Para que a educação possa auxiliar em uma decisão profissional mais consciente é necessário saber que:

(...) a educação é um fenômeno social, ou melhor, uma prática social que só pode ser compreendida no quadro do funcionamento geral da sociedade da qual faz parte. Isso quer dizer que as práticas educativas não se dão de forma isolada das relações sociais que caracterizam a estrutura econômica e política de uma sociedade, estando subordinadas a interesses sociais, econômicos, políticos e ideológicos de grupos e classes sociais. (LIBÂNEO, 2001, p. 9)

A partir das contribuições elencadas na minha pesquisa de campo, pude perceber alguns dos sentidos ao redor dessa tomada de decisão, busquei fazer uma ponte com tudo que foi discutido no decorrer do trabalho. Com base nas respostas constatei que para uma parcela das pessoas a escolha profissional está dentro de um campo de desamparo e insegurança e, para a outra, esse processo foi mais tranquilo, pois algumas experiências anteriores e o autoconhecimento construído no trajeto tornaram essa escolha mais consciente e espontânea.

Em relação ao papel educativo, fiquei surpresa com as respostas que recebi, em um primeiro momento pensei que o auxílio gerado pelo âmbito escolar diante dessa escolha seria nulo, mas obtive respostas positivas que demonstram a possibilidade dessa ação educacional diante das inseguranças e incertezas ao se deparar com a escolha profissional. É unânime entre as entrevistadas a importância desse espaço que pode auxiliar em uma escolha profissional com sentido, onde as subjetividades de cada pessoa, seu contexto, suas habilidades, necessidades e vontades sejam levadas em conta.

A escola serve como referencial para os jovens, pois junto com a família contribui com a formação humanística e a promoção da cidadania, ultrapassando seu papel de divulgadora de informações e mera repetidora de conteúdos. Professores e educadores possuem o desafio de desenvolver nesse adolescente as competências necessárias que o tornem apto a realizar as muitas escolhas, mais precisamente na fase escolar, relacionadas à profissão que irá seguir. (GRINGS, JUNG, 2017, p. 2)

Penso como teria sido importante para mim e para várias pessoas ao meu redor se no momento de desamparo e dúvida sobre esse caminho profissional, tivéssemos acesso a um local de informação sobre as profissões existentes, sobre os caminhos e oportunidades, que proporcionasse uma proposta pedagógica com um maior engajamento das/os estudantes, com atividades dinâmicas e que estimulam debates.

Finalizo este trabalho reforçando a importância de continuar na luta por espaços educativos que possam dialogar com as/os jovens, instigando-as/os a compreender o papel que ocupam na sociedade, espaços que possam proporcionar reflexões sobre o campo da educação e do trabalho e tudo que contempla a decisão profissional. Esse espaço deve acompanhar as transformações que estão acontecendo do lado de fora do seu âmbito para desenvolver o processo de ensino aprendizagem onde sejam implantados projetos pedagógicos criativos e inovadores, que possam instigar o desenvolvimento de seus alunos em diferentes aspectos, a escola deve assumir o papel de formar indivíduos de forma crítica para as complexidades do mundo e dos desafios que ele propõe.

Vemos a necessidade de buscar novos significados para o ambiente escolar, alargando seus horizontes e de todos que estão presentes em seu meio, e juntamente permitir um diálogo entre a escola e a sociedade que está em permanente processo de transformação. É essencial constituir uma nova geração com pessoas com visão crítica, habilidades, atitudes e valores, para poderem incorporar os diferenciados perfis profissionais e transformar cada vez mais o mundo.

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo, se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenho para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes. (FREIRE, 2000, p. 33)

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de. A escolha na orientação profissional: contribuições da psicologia sócio-histórica. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 23, p. 11-25, dez. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752006000200002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em: 07 out. 2021.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A. e CATANI, A. (orgs.) **Escritos de Educação**. 9ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2007a. cap. 2, p. 39-64.

BRASIL. **Constituição** (1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil. Art. 205. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988

BRANCO, A. U. Crenças e práticas culturais: co-construção e ontogênese de valores sociais. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 17, n. 2, p. 139–155, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643632/11151>>. Acesso em: 9 mar. 2021.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CHICO, Alana Cristina Teixeira. **Graffiti: arte de rua e espaço escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação. Cuiabá, p. 119, 2017.

CURY, Carlos Roberto Jami. Direito à educação: direito à igualdade, direito à diferença. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 245-262, 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000200010>>. Acesso em: 27 ago. 2021.

DELORS, J. et al. Os quatro pilares da educação. In: **Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 1998. cap. 4, p. 89-102

DURKEIM, Émile. **Educação e sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.

FREIRE, Paulo (1967). **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e Outros Escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17º ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GRINGS, Jacques Andre; JUNG, Carlos Fernando. Fatores que influenciam na escolha profissional e a importância da orientação vocacional e ocupacional. **Revista Espacios**, vol. 38, n. 15, p. 12, 2017. Disponível em: <<https://revistaespacios.com/a17v38n15/17381512.html>>. Acesso em: 07 out. 2021.

GUIMARÃES, Livia Martins; LUSATOSA, Marina Bona; MUCHAGATA, Lúgia Gonçalves. **Síntese Avaliativa: orientação profissional para as classes pobres - Silvio Duarte Bock**. Brasília, 2020. Trabalho realizado na disciplina Orientação Vocacional Profissional, FE/UnB.

HOOKS, Bell. Pedagogia engajada. In: **Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo. 2013. Editora Martins Fontes, 2013. cap. 1, p. 25-36.

LIBÂNIO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar em Revista** [online], Curitiba, v. 17, n. 17, p. 153-176, 2001. Editora da UFPR. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-4060.226>>. Acesso em: 07 out. 2021.

SHAKESPEARE, William. **William Shakespeare Teatro Completo: Volume 1 Tragédias e Comédias sombrias**. 1ª Edited by Bernard Lott M. A, Ph. D. England: Longma edição. São Paulo: Nova Aguilar, 2016. p. 424.

SIMONINI, Eduardo. Currículo e Devir. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; RANGEL, Iguatemi Santos; CARVALHO, Janete Magalhães; NUNES, Kezia Rodrigues (Orgs.). **Diferentes perspectivas de currículo na atualidade**. Rio de Janeiro: DPetAlii, 2015, p. 63-78.

SKINNER, B.F.(1978). Uma análise funcional do comportamento verbal. In: **Comportamento Verbal**. Tradução: Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Cultrix/EDUSP. Publicação original de 1957, p. 15-27.

SORDI AO.; MANFRO GG.; HAUCK S.; O Conceito de Resiliência: Diferentes Olhares. **Revista brasileira de psicoterapia**, p. 115-132. 2011. Disponível em: <http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=61>. Acesso em: 12 mar. 2021.